

EU SOU PORQUE NÓS SOMOS! OS PROCESSOS DE AUTODEFINIÇÃO E AUTOAVALIAÇÃO DE MULHERES NEGRAS NOS COTIDIANOS DE CURSOS DE GRADUAÇÃO NAS CIDADES DE MARINGÁ (PR) E AVARÉ (SP)

Lívia Cruz Pedro (PIBIC/CNPq/FA/Uem), Josiane Silva de Oliveira (Orientadora), e-mail: jsolilveira3@uem.br

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Sociais Aplicadas/Maringá, PR.

Área: 6.02.00.00-6 Administração

Subárea: 6.02.03.00-5 Administração de Setores Específico

Palavras-chave: autodefinição, autoavaliação, imagens de controle

Resumo:

O objetivo deste projeto de pesquisa foi compreender os processos de autodefinição e de autoavaliação das mulheres negras no cotidiano de cursos de graduação nas cidades de Maringá (PR) e de Avaré (SP). A base teórica utilizada se pauta no campo do feminismo negro, especificamente nos trabalhos de Collins (2019; 2016), e de cotidiano organizacional (OLIVEIRA; CAVEDON, 2013). A pesquisa de natureza qualitativa foi realizada com mulheres negras, pois esse é o grupo social que tem apresentado crescente ocupação das vagas de cursos de graduação no Brasil (IBGE, 2020). As cidades escolhidas para a realização do estudo também apresentam o setor da educação com importante percentual de participação nas atividades econômicas de suas localidades. Foram realizadas dez entrevistas, sendo cinco entrevistadas graduandas na cidade da Maringá (PR) e as restantes em Avaré (SP) e as análises interpretativas resultaram no entendimento de que os elementos de autodefinição e autoavaliação se encontram presentes no dia a dia delas, podendo assumir características distintas ou não, sendo assim, cada uma encontra uma forma de resistir em suas coletividades.

Introdução

O corpo negro existindo em ambientes majoritariamente brancos provoca desconforto no sistema que fora moldado para excluí-los. A presença de mulheres negras em instituições de ensino superior perpassa àquilo que a elas fora negado, assim sendo, ao frequentar esses ambientes, a luta é para além dos elementos externos, como os olhares de negação, o que leva ao sentimento de não pertencimento do local, imposição de estereótipos, entre outros.

A falta de representatividade nesses espaços, desde professoras, professores, estudantes e outros funcionários, cria um aspecto de que aquele local não seja adequado para pessoas negras. Nisso, a magnitude do feminismo negro encontra-se na resistência dessas mulheres, que por vezes tem o seu psicológico violentados, porém que, através dele conseguem criar elementos para se autoavaliarem e recusarem o que é imposto. O objetivo desta pesquisa foi compreender os processos de autodefinição e autoavaliação de mulheres negras universitárias nas cidades de Maringá (PR) e Avaré (SP). Para o desenvolvimento deste estudo, a base teórica utilizada foi Collins (2019; 2016) perpassando a mulher negra, ambiente universitário, feminismo negro e os conceitos de autodefinição e autoavaliação.

Autodefinição, para Collins (2016), diz a respeito à negação estereótipos, os quais são produtos do racismo institucionalizado. Desse modo, o autoconhecimento é significativo nesse processo, porque ele permite à mulher negra compreender que as imagens de controle não são fidedignas. Quanto ao segundo conceito, autodefinição, Collins (2019) firma que “quando a sobrevivência da mulher negra está em jogo, criar autodefinições independentes é essencial.” (COLLINS, 2019, p. 203), ou seja, para a mulher negra resistir à opressão, ela precisa se reinventar a fim de, para além de negar, ressignificar as imagens de controle.

Os procedimentos metodológicos se deram por meio de entrevistas, com dez mulheres das cidades de Maringá (PR) e Avaré (SP), com roteiro semiestruturado, o que proporcionou observar e compreender o cotidiano dessas mulheres, além de identificar, alicerçado no aporte teórico de Collins (2016), as violências sofridas por elas, desde o silenciamento desses corpos, violência psicológica e física. As análises interpretativas dos resultados da pesquisa indicam que nas falas das mulheres entrevistadas foi possível validar a teoria de Collins (2016), os elementos de autodefinição e autoavaliação.

Materiais e métodos

A pesquisa desenvolvida é de cunho qualitativo, exploratório e descritivo. Para sua realização, dez mulheres negras das cidades de Maringá (PR) e Avaré (SP), sendo cinco de cada cidade, na faixa etária de 18 a 27 anos, e inseridas em universidades públicas e privadas dessas cidades, foram convidadas para, através da entrevista com roteiro semiestruturado, compartilharem suas histórias de vida. Após a coleta de dados, utilizou-se da análise interpretativa para a sistematização dos resultados do estudo, com a contribuição do pensamento de Collins (2016) alusivo aos elementos de autodefinição e autoavaliação como categorias teóricas de análise.

Para que os dados coletados pudessem ser observados, as dez entrevistas foram transcritas, posteriormente foi construída, para cada entrevistada, uma tabela com as categorias de 1. Autodefinição, concernente às imagens estereotipadas, assim sendo, trechos das entrevistas referente à essa categoria foram recrutados e subdivididos em uma categoria intitulada

“Corpo” (corpo forte, corpo negro/ escuro, corpo espaço de violência e corpo lugar de desejo), nos discursos que possuíam algo relacionado, os trechos foram adicionados à essa tabela. Ademais, a categoria seguinte foi 2. Autoavaliação, referente às imagens autênticas, ou seja, elementos que essas mulheres avaliam como efetivamente seus, na categoria “Trabalho” (corpos silenciados, reconhecimento de si, pertencimento étnico-racial, desenvolvimento em comunidade (família/ outras pessoas negras), cabelo), e como na primeira categoria, o mesmo método foi realizado.

Resultados e Discussão

Em relação a primeira categoria de análise, Collins (2016) afirma tratar-se do desafio de desvincular das imagens pré-estabelecidas pelo outro, além do fato de já se encontrarem enraizadas na sociedade, e nesse sentido, nas entrevistas foi observado o estereótipo do corpo da mulher negra, como presente no seguinte excerto:

Sim, estereótipo sim, um dos estereótipos que as pessoas sempre me colocavam era muito, por eu, **por conta do meu corpo** sabe, as pessoas sempre falava muito, inclusive até fazem **analogia com mulheres do samba**, sabe, então muitos estereótipos desse sentido também, entende, ah também sofri estereótipo, mas esse depois eu tive que aceitar, era sobre a minha sexualidade, que até então eu descobri na faculdade, é então tinha bem **esse estereótipo do jeito como e me vestia, falavam do jeito que eu andava**, então sim, sempre teve estereótipos, em todos os sentidos (DANDARA, entrevistada em 15 de junho de 2021)

O corpo negro como espaço de violência, lugar de desejo, sendo resistente, ademais, o incômodo causado pela presença desse corpo nos espaços os quais são negados. Sobre a segunda categoria de análise, Collins (2016) define como sendo a substituição dos estereótipos, ou seja, uma imagem que não parte mais do externo para o interno, mas sim da subjetividade da mulher negra, ela sendo capaz de ressignificar aquilo que a torna vulnerável. A categoria recebe o título de “Trabalho”, e como apresentado no subsequente excerto, o trabalho relacionado ao cabelo envolvendo o cuidado, para além do incômodo que ele traz para o outro, uma vez que não segue o padrão do cabelo liso, por isso há forças externas que tentam desestimular a mulher negra do zelo com ela mesma:

“Teve uma vez também, que na hora nem me toquei, só fui me tocar bem depois, que eu fui no salão, cortar o **cabelo**, é um salão até aqui perto de casa, e daí a mulher pegou e falou assim, ela lavou o meu cabelo e tudo, sabe, daí na hora de pentear, ela pegou e falou assim **“nossa, não sabe porque você não alisa esse cabelo”**, não sei o quê, não sei o quê, sabe, e tipo assim, eu tinha uns 13 anos, aí na hora eu fiquei quieta, sabe, não falei nada, só depois de muito tempo que se repensar, sabe, se fosse hoje em dia assim, eu tinha retrucado. Mas eu fiquei bem triste, sabe, quando ela falou isso, ela pegou e falou assim **“nossa por que você não faz uma**

progressiva nesse cabelo, é bem mais fácil cuidar”, ela falou assim é **“Deus me livre ter um cabelo assim”,** sabe, daí na hora eu fiquei quieta, não falei nada, só sei que eu fiquei, tipo assim, bem triste, sabe, mas eu não falei nada (LÉLIA, entrevistada em 13 de julho de 2021)

Desde adolescência, como apresentado na passagem a cima, a mulher negra já vivência o racismo, além do outro falar com naturalidade, ou até mesmo desinibição a respeito do corpo do negro e de suas características.

Conclusões

Conclui-se que as mulheres negras em contextos universitários se autodefinem e autoavaliam de acordo com a teoria de Collins (2016) a fim de resistir à opressão multifacetada. Tal processo ocorre, como apresentado nas categorias de “Corpo” e “Trabalho” a não aceitação dessas imagens de controle e a ressignificação das mesmas, sendo respectivamente os elementos de autodefinição e autoavaliação.

Agradecimentos

Agradeço à minha orientadora Josiane Oliveira por sempre me apoiar, incentivar e pela paciência, minha família, amigos, ao CNPq pelo apoio financeiro e ao programa de iniciação científica da UEM.

Referências

COLLINS, P. H. Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro. **Revista Sociedade e Estado**, Brasília, vol.31, n.1, p. 99-127, Janeiro/Abril, 2016.

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento**. Trad. Jamille Pinheiro Dias. - 1ª ed – São Paulo: Boitempo, 2019.

GONZALEZ, Lélia. **Racismo e sexismo na cultura brasileira**. Revista Ciências Sociais Hoje. 1984.

hooks, bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. Trad. Bhuvi Libanio. – 10ª ed.- Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.